

# Ser contemporâneo quando o tempo não comparece<sup>1</sup>

*Be contemporary when time doesn't show*

**Isidro Herrera**

“Ser contemporâneo significa ser capaz não só de ter um olhar fixo na escuridão da época, mas inclusive perceber nessa escuridão uma luz que, dirigida até nós, se distancia infinitamente. Ou seja, mais uma coisa: ser pontual a um encontro ao qual só se pode faltar.”

Giorgio Agamben, ¿Qué es ser contemporáneo?

## ***Companheiro! Amigo! Mais um esforço se quer ser verdadeiramente contemporâneo!***

0. Bem sabemos reconhecer a condição daquele que se denomina contemporâneo: aquele que se move ao ritmo do seu próprio tempo, que marca o seu passo de acordo com ele, conforme as suas exigências; Aquele que nunca é alheio a uma História na qual se instala sem inconvenientes, fazendo-a sua, a partir do momento em que ser contemporâneo passou a significar – como não poderia ser de outro modo – ter assumido por completo um passado bem determinado no interior de sua ação construtora de tempo. O juízo da História não tem outro comparecimento além desses chamados contemporâneos.

É verdade que visto desta forma não parece ser um grande problema para quem quer calçar as botas da História e caminhar com ela. Mas se quiséssemos sair dessa posição conformista? Não podemos fazer isso. Lançamos um olhar inoportuno sobre nosso tempo, nosso tempo se apropria dela como se fosse sua, tomando-a como objeto de reflexão. Viramos as costas ao nosso tempo, fazemos um gesto qualquer de rejeição a ele, nosso tempo faz desse gesto uma figura – mais uma – que o caracteriza, mesmo essencialmente. Tentamos fugir do nosso tempo, o nosso tempo nos estende os seus braços acolhedores para nos receber no ponto onde termina a nossa fuga. Não se escapa ao tempo de cada um que nos converte em seus contemporâneos e o tempo de cada um nos devolve a verdade de nosso ser contemporâneo de nossos contemporâneos.

Contudo, isso é necessariamente assim? Porque por sua vez é possível assinalar a existência de um desequilíbrio substancial em seu interior, expresso na forma de um excesso – um excesso de tempo – pelo qual em algum momento o tempo parece estar suspenso, como correndo fora de si, se satisfazendo em seu próprio excesso, sendo ele mesmo quem, naquele momento, nos expulsa do seu seio, antes que nós tentemos nos separar dele. Enquanto esse momento passa sem passar, o impugnado não seria o tempo, mas nós pelo tempo mesmo. É possível que isso ocorra alguma vez? Poderia ser o que está acontecendo *agora mesmo*?

1. Presumimos que o homem é um animal doente. Doente de quê? De tempo. De que forma se manifesta essa estranha doença que indu-

**Isidro Herrera**

**Arena Libros, España.**

Doutor em Filosofia pela Universidad Autónoma de Madrid. Editor e tradutor do Editorial Arena Libros.

[isidro\\_herrera@arenalibros.com](mailto:isidro_herrera@arenalibros.com)

**1**

Tradução, feita por Leonardo Pinto de Almeida, do texto *Ser contemporâneo cuando el tiempo no comparece* originalmente escrito em espanhol por Isidro Herrera.

bitavelmente afeta a todos nós? Acontece que estamos doentes de *nostalgia* por não termos outra oportunidade de reter o passado que não seja pelo sentimento de sua perda. Doentes também de *expectativa*, por não ter outro consolo para escapar da angústia senão a promessa de que ela desapareça (quando a angústia seria justamente o eclipse da promessa). Enfim, doentes de imediatismo, por não saber fazer outra coisa senão consumir o agora que nos consome, isto é, viver no e para o desaparecimento. Doentes do passado, pelo peso esmagador daquilo que é perdido; doentes de futuro, pelo buraco vertiginoso de uma decepção mais do que previsível; doentes de presente, pela viva consciência de que tudo o que apontamos se apaga no momento exato em que o assinalamos.

Dizemos então que enquanto vivemos assim, desfrutando de nosso tempo, mas submetidos a todo tipo de percalços, "temos a negra<sup>2</sup>", ou seja, passamos por uma tormenta e essa tormenta é como uma lufada de ar (um mau ar), que dura e que, enquanto dura, tira de nossas mãos o que acreditamos possuir com certa segurança – isto é, o presente, isso que é precisamente a coisa mais insegura e inapreensível que existe. Certamente parece ter nos "tocado a negra", embora isso também signifique que talvez a branca pudesse ter nos tocado e que, pela lei da distribuição da partilha da sorte, aparentemente, alguém o teria tocado. Mas não é mais verdade que a negra que caiu sobre nós é a desgraça de ficar à mercê da alternativa entre a branca e a negra, e que a fortuna é somente a ilusão<sup>3</sup> – necessariamente chamada a perecer – de poder pular por cima da sorte que a armadilha do tempo nos reserva? Porque é sempre se pode fracassar melhor do que vem sendo feito por nós até o momento.

Antes era mais fácil. Mas quando despertamos do sonho da *transcendência* – tão duradouro, tão geralmente inaceitável hoje – sabíamos – sem saber aceitá-lo – que não há salvação possível, que viver com a esperança de que ela chegue é uma estupidez digna dos seres obtusos que fundamentalmente somos. Então, covardes, nos apegamos ao presente, depositamos nele todas as nossas *esperanças*. Nova prova dos iludidos que somos e de que não queremos deixar de sê-lo. Agora não queremos outro horizonte senão a imanência. Essa imanência deve nos libertar da preocupação de outro mundo ou de outra vida, até mesmo da preocupação da morte: "imanência... uma vida". *Esperamos* dela a recuperação da inocência, a libertação da culpa e, no entanto, não se distancia de nós o indício de um horror indefinido que nos espreita por toda a parte e que ameaça nos sufocar. E isso é assim porque a imanência do presente não deixa livre nenhum vazio (ou melhor, trata qualquer vazio como cheio, outro cheio ao lado e indistinto de outros cheios). De várias formas, o sentimento – que nos proporciona nosso tempo tem expulsado de si toda a transcendência, que não acredita de forma alguma que ela possa abrir uma fissura na compactação do ser – é de que não há nenhuma escapatória possível. Por acaso, esperamos escapar da imanência pela imanência? Abandonemos, porém, toda esperança: o horizonte vazio da imanência anuncia que ela é o inferno finalmente à nossa disposição.

2. O desafio ontológico que a alternativa transcendência / imanência propõe define nosso tempo, torna-se atual, *crucial* em nosso pensamento. O presente, sim, nos diz, que é a única coisa que temos, qualquer tentativa de escapar dele não é apenas negá-lo ou o traí-lo, mas nos lançar descontroladamente no desespero. O século XX fez todo o possível para cumprir o propósito "revolucionário" de negar todo o nosso passado, apontando-o como a origem de nossos males, ao mesmo tempo que cultivava a vontade de engendrar um mundo de progresso totalmente novo e livre de culpas, isto é, à sua maneira, de nós mesmos. Tais ideais sobrevivem em nosso século XXI, mas, na forma de uma triste fé progressista e empobrecidos pela falta de sangue que corre em nossas veias que se tem piorado com o tempo, sobrevivem desfalecentes, sem que seja possível prever qualquer classe de

## 2

N.T. Tradução da expressão "*tener la negra*". Esta expressão significa ter má sorte. Em conversa com o autor, foi esclarecida da seguinte maneira: "*Tener la negra* é padecer de uma má sorte continuada que ameaça ser permanente, indo de desgraça em desgraça". Esta expressão possivelmente está relacionada a um tipo de sorteio que era feito na antiguidade para designar cargos públicos entre fichas brancas e negras. As fichas brancas apontavam o afortunado. Uma possível localização semântica da expressão na língua portuguesa seria "dar azar". No entanto, perderíamos a distinção entre fichas negras e brancas, expressa no decorrer do parágrafo, para designar o jogo da sorte. A expressão "jogo com peças marcadas", comumente usada em português, deriva deste tipo de sorteio.

## 3

N.T. Tradução de ilusión que tem além dos sentidos que recebe a palavra ilusão na língua portuguesa significa também esperança de algo que soa bastante atrativo se alcançado. Daí, ser usada comumente ao se tratar de jogos envolvendo dinheiro, como a loteria por exemplo.

mundo novo e diferente, que não seja aquele que se desenha em distopias aterrorizantes. Alguns chamam isso de "emancipação". Porém, sabemos que todas as revoluções produzidas em nossa modernidade duraram um instante, que só ocorreram em um presente sem tempo, fora dele, um presente que percebeu com clareza cristalina que seu retorno ao tempo era também seu fim, com o sentimento, para aqueles que participaram delas, de ter vivenciado algo alheio a tudo o que é vivível.

Sem colocar nele a esperança de uma salvação duvidosa, o presente, apesar de tudo, é a única coisa que temos. Ele se oferece a nós por sua contemporaneidade, para que possamos nos *chamar contemporâneos*, para ser contemporâneos de algo que por sua vez é, para este, ao contemporâneo, presente. A lei do contemporâneo é precisamente aquela que exige que haja algo presente – algum presente – que o acompanhe e lhe dê seu ser: seu ser contemporâneo. Não vale ser simplesmente contemporâneo de si mesmo, como faz quem diz *cogito*. O contemporâneo é algo muito diferente do ensimesmado. Porque só se é contemporâneo se for contemporâneo de algo ou alguém – distinto, algo ou alguém com o que ou com quem de maneira obrigada se compartilha o presente. Lembro-me do esplêndido *dictum* de Albert Camus: "*je me révolte, donc nous sommes*" (o que não significa tanto "eu me revolto, logo somos", mas sim "eu me planto (ou me levanto), logo somos"), que agora, em nossa linguagem, diz-nos que *l'homme revolté* é o homem contemporâneo, isto é, o homem que afirma ou vive a sua contemporaneidade como um presente do qual não pode escapar, um presente que o aprisiona nas profundezas do seu ser, onde quer que ele se deixe levar ou se fixar.

De que precisamos nós, que nos aspiramos chamar contemporâneos, para sê-lo definitivamente? Para ser assim, em qualquer caso, precisamos de um presente para sê-lo. Ser "contemporâneo de..." liga-nos a um presente que não pode abandonar sob o risco de perder de imediato o atributo a que aspiramos. E até mesmo a condição que nos fez ser. Ser o que? Isso: "contemporâneos de...", isto é, contemporâneos pura e simplesmente, acompanhados do correspondente presente que nos permite ser.

3. Ser contemporâneo traz consigo vertigem, com sua parte de risco, com sua grande ameaça de extermínio. Por isso, apoiados na molície, talvez tenhamos sonhado em sentir que navegávamos mais ou menos placidamente no rio da História. Seu curso nos defendia da inquietação de não vir de nenhuma fonte cristalina e não vir a desembocar em algum oceano triunfante, isto é, de carecer, em qualquer instante desse curso, de uma origem que certifique nossa autenticidade ou de um fim que confirme nossa ilusão de acabar bem.

Sempre foi a iminência do contemporâneo que alterou nossa mais ou menos acomodada existência, na medida em que o contemporâneo, estimulado por essa sua pura iminência, traz consigo o que não vem de nenhuma parte e o que não vai a lugar nenhum, quando nenhuma parte é, sem dissimulações, lugar nenhum. Ser contemporâneo é, nesta perspectiva, um risco que corremos: o risco de nos encontrarmos fora do curso do tempo e de, por isso mesmo, nunca sair numa boa disso. A ser contemporâneo se chega depois de ser iminente, depois de sê-lo no extremo, tanto – tão iminente, tão contemporâneo – que por aí se chega sempre a tempo. Mas iminente significa que já não existe, porque desaparece com tal iminência, um passado graças ao qual se sente ter um solo firme sobre o qual não perderá o pé, nem tampouco um futuro que fará desaparecer o alibi que era necessário para dissimular a falta de presença que se dava no, agora descoberto, tempo presente. A iminência é o presente sem presença, a porta que se abre para o que permite ser contemporâneo. A iminência é a imagem sempre movediça daquilo que anuncia uma presença para um presente, a pura coincidência de presente e presença, ou seja, a própria possibilidade de ser contemporâneo enquanto o vazio preenche tudo com sua ausência.

Contudo, poucas vezes o chamado para ser contemporâneo encontrou diante de si um vazio tão eloquente como nestes momentos. O descrédito do passado (com a indiferença que a sua inútil reabilitação produz), a inani-dade do futuro (com a renúncia prévia de lhe confiar qualquer coisa, exceto a vaga ilusão de que *isso* vai mudar para melhor), tem deixado solto o presente, o tem *absolvido*, libertado de sua prisão convencional, e cada um diante da tarefa de *contemporizar* com este tempo desatado de seus laços.

Já havíamos pressentido nos últimos anos, tudo o anunciava, mas um verdadeiro e inesperado acontecimento, com a interrupção não programada do curso do tempo que traz consigo, veio confirmar *agora mesmo* que não se é contemporâneo do tempo, do presente, de tal desconjuntamento do ser sem assumir as consequências de uma irrupção no ponto certo onde o próprio tempo sai de suas engrenagens (se coloca *out of joint*). Prova de fogo para o pensamento que quer se declarar contemporâneo, pedra de toque para a arte que se cruza com ela. Assim, com todo o seu drama, sem que nos poupe a vertigem que nos toca, inesperadamente nos foi dada a oportunidade de ser, como insistimos, contemporâneos.

Mas, novamente, contemporâneos de quê? Esta seria a verdade de um presente que nos é dado com a interrupção do tempo: agora seria o momento de sermos contemporâneos de um tempo que se desligou da linha do tempo, de um tempo que não comparece – a tempo. A graça desta questão é que o que aconteceu não é para sempre – já que isso engendraria uma normativa – mas, tal como veio, a qualquer momento pode partir e deixar-nos. Ignoramos esse futuro que não podemos e não sabemos prever, mas devemos entender que neste exato momento a alternativa é comparecer ou desaparecer. E tudo parecia nos convidar a desaparecer.

Ainda mais hoje que temos encontrado formas drásticas e mais eficazes de desaparecer do que antigamente. Já não cortamos mais as veias (isso deve doer e é preferível um bom médico administrar uma morte doce e barbitúrica – obviamente "legal"), mas talvez nem isso seja necessário, quando podemos sempre nos deixar ficar trancados em casa, suspeitos do crime nefasto de poder contagiar nosso mal. Sim, é verdade, o homem é o animal doente. Já o reconhecemos e aceitamos sem questionar. "Agora" estamos em *casa*, fugidos, escapados, da ominosa presença do presente que ameaçava nos asfixiar. Como desculpar o ser contemporâneo "disso"?

No entanto, e por mais que queiramos nos convencer disso, nunca *habitaremos* senão como mutilados de ser a casa onde somos obrigados a permanecer trancados, nos proibindo inclusive qualquer *contato* com o outro, onde o simples gesto de apertar a mão seria concebido como prejudicial e perigoso *para todos*. A isso propriamente falando, não chamaremos habitar. A isso chamaremos pura e simplesmente desaparecer. Pelo contrário, habitar é comparecer, embora por sua vez o tempo mesmo para esse habitar não compareça. Além disso, sua própria falta de comparecimento o absolve da obrigação de estar presente para poder ser seu contemporâneo. Porque comparecer diante de um tempo que não comparece não é de forma alguma desaparecer, mas muito pelo contrário: ser, um modo muito airoso de ser. Habitar, embora pareça chocante, seria sair ao encontro desse tempo que não comparece, torná-lo o nosso verdadeiro quarto do presente, único à altura de nossa contemporaneidade dissolvida, dissoluta. Mediado por um presente absolvido, absoluto.

Isidro Herrera

(17 de maio de 2020)